

**CRENÇAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM  
DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM CONTEXTO ACADÊMICO*****BELIEFS IN THE PROCESS OF ACQUIRING AND LEARNING FOREIGN  
LANGUAGE IN AN ACADEMIC CONTEXT*****Alexandre Jorge**

Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: alexjorge786@gmail.com.

**Antonio Carlos Santana de Souza**

Mestre e Doutor em Linguística. Pós Doutor em Linguística pela UNEMAT. Bolsista PNPd/CAPES no PPGEL-UFMT.

**Cristiane Schmidt**

Docente do PPGL-UNEMAT. Docente da UNIOESTE. Doutora em Letras pela UNIOESTE/PR. Mestre em Educação pela UFRGS/RS. Licenciada em Letras Português/Alemão pela UNISINOS/RS.

**RESUMO:** Partindo do pressuposto que crenças é uma das diferenças individuais que pode influenciar no processo de aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira, este artigo objetiva fazer uma reflexão a respeito do conceito de crenças, identidades e atitudes que podem ser considerados relevantes em um processo de aquisição de língua estrangeira em um contexto acadêmico. Para alcançar este objetivo, utilizamos de um questionário aplicado aos graduandos do curso de Letras de uma universidade particular localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. E, como resultado de pesquisa, sugere-se que, os cursos de graduação com Habilitação em Licenciatura no ensino de língua estrangeira, especificamente Língua Inglesa, deem uma atenção maior em seus currículos a fim de propiciar aos seus alunos um ensino reflexivo no que se referem ao processo de ensinar e adquirir uma segunda língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crenças; Aquisição e Aprendizagem; Língua Estrangeira (Inglês).

**ABSTRACT:** Assuming from that Belief is an individual difference that can influence on a foreign language acquisition and learning, this paper has as an aim to make a reflexion about concepts of Beliefs, identities and attitudes which can be considered relevant in a process of foreign language acquisition in an academic context. To reach this objective, We use of a questionnaire which was applied to Linguistics undergrads of a private university located in Campo Grande, Mato Grosso do Sul. And, as a research result, its suggests that undergraduate courses with qualification in foreign language education, specifically English Language, give a best attempting in its curricula in order to propitiate to its students a reflexive learning as they relate to process in teaching and acquiring a second language.

**KEYWORDS:** Beliefs; Acquisition and Learning; Foreign Language (English).

## 1 Introdução

Pesquisas a respeito de crenças sobre aquisição e aprendizagem de línguas vêm sendo objeto de inúmeras investigações, tanto no exterior quanto no Brasil. Acredita-se que este tipo de investigação se iniciou em meados dos anos 80 no exterior, e em meados dos anos 90 no Brasil (BARCELOS, 2004). E, desde então, este assunto vem sendo discutido amplamente em dissertações, teses, seminários e artigos científicos dentro de uma perspectiva da Linguística Aplicada, ora denominada daqui por diante por LA. Isso demonstra a grande importância deste tópico por pesquisadores que desempenham um papel fundamental em fazer um trabalho de investigação que contribuem para o conhecimento das condições e fatores que influenciam diretamente na aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso específico, a língua inglesa.

Neste trabalho, temos por objetivo fazer uma reflexão acerca do papel das crenças na aquisição e aprendizagem de língua estrangeira em um contexto acadêmico de um curso de graduação em Letras de uma universidade particular de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e

apresentar um breve apanhado histórico de como o conceito de crenças surgiu e de como ele vem sendo definido e investigado desde a década de 80. Em seguida, comentamos sobre identidade e atitudes relacionadas ao comportamento humano e sua relação ao o que é aprender e adquirir outra língua. Como metodologia, inicialmente, fizemos uma pesquisa bibliográfica, e posteriormente, utilizamos um questionário que será aplicado aos acadêmicos do 2º, 6º e 8º semestre do curso de graduação em Letras com Habilitação em Português e Inglês a fim de apresentar os dados gerados através do questionário. E concluímos este trabalho, fazendo considerações finais, apontando as implicações desta pesquisa para professores e estudantes de língua inglesa.

## 2 Breve histórico

Nesta seção, falamos sobre o surgimento do termo “crenças”, o que são crenças? E por que é importante falar sobre elas? A importância das crenças sobre o processo de aquisição e aprendizagem de línguas está relacionada à compreensão das ações ou do comportamento dos aprendizes de línguas, e como algumas delas podem ou não contribuir para a

ansiedade de muitos alunos ao aprender uma língua estrangeira (BARCELOS, 2007). Isso, significa, o que o aprendiz pensa, acredita e como se propõe a aprender uma língua estrangeira influenciará diretamente em seu aprendizado.

Em LA, o termo crenças não é uma unanimidade entre os pesquisadores, diversos termos são encontrados, por exemplo, “representações dos aprendizes” (HOLEC, 1987), “filosofia de aprendizagem de línguas” (ABRAHAM & VANN, 1987), “conhecimento metacognitivo” (WENDEN, 1986), e “cultura de aprender línguas” (ALMEIDA FILHO, 1993; BARCELOS, 2001). Apesar de ainda não haver uma definição uniforme a respeito de crenças, grosso modo, podemos defini-las como opiniões e ideias que alunos e professores têm a respeito do processo de aquisição de línguas. Segundo Barcelos (2001), as crenças podem ser pessoais, contextuais, episódicas e têm origem nas nossas experiências, em nossa cultura e no folclore e tem como característica principal, a influência em nosso comportamento. Por que, de acordo com Pajares (1992) as crenças influenciam como as pessoas organizam e definem

suas tarefas, ou seja, elas são um forte indicador de como as pessoas agem.

Para Barcelos (2004), o interesse por crenças surgiu de uma mudança dentro da LA, ou seja, houve uma mudança de uma visão de línguas com o enfoque na linguagem e no produto, para um enfoque no processo. Segundo Larsen e Freeman (1998), as mudanças nos paradigmas de ensino de línguas, ao longo dos anos, trouxeram também diferentes visões dos aprendizes. E com isso, a cada movimento de ensino de línguas correspondia-se ao surgimento de visões diferenciadas para cada aprendiz. Assim, nós temos:

- **Aprendizes Mímicos** (anos 50): os alunos procuravam imitar o comportamento linguístico do professor, formando com isso, um hábito;
- **Aprendizes Cognitivos** (anos 60): a faculdade mental dos aprendizes não era mais ignorada, por conseguinte, eles deveriam descobrir as regras da língua;
- **Afetivos e sociais** (anos 70): nesta época, já se

## CRENÇAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM CONTEXTO ACADÊMICO

falava em motivação e atitude, que de certa forma, contribuíram para esta visão;

- Aprendiz estratégico (anos 80): aqui o aprendiz passa a ser reconhecido como alguém que possui estilos diferentes de aprendizagem, e passa a adquirir estratégias para facilitar a sua aprendizagem autônoma.
- Aprendiz político (anos 90): o aprendiz passa a ser visto como possuidor de uma dimensão política, ou seja, a linguagem passa a ser concebida como instrumento de poder.

Diante deste breve esboço, pode-se notar que o interesse por crenças começava a despontar nos anos 70, embora, não com este nome. Nesta época, começamos a encontrar em alguns trabalhos, o termo “mini-teorias de aprendizagem de línguas dos alunos” (HOSENFELD, 1978), reconhecendo assim, a importância desse conhecimento tácito dos alunos, mesmo sem denominá-lo de crenças.

Contudo, desde aquela época, isto continua até hoje, e para Barcelos (2004):

“essa preocupação, que continua ainda hoje, em desvendar o mundo do aprendiz, isto é, seus anseios, preocupações, necessidades, expectativas, interesses, estilos de aprendizagem, estratégias e, obviamente, suas crenças ou seu conhecimento sobre o processo de aprender línguas, tornou-se mais patente com a abordagem comunicativa”. (BARCELOS, 2004, p. 127)

Já no Brasil, somente na década de 90 que o conceito de crenças ganha força com os seguintes teóricos: Leffa (1991), Almeida Filho (1993), Barcelos (1995) e Barcelos (2004). Embora, este assunto seja tratado com certa relevância, é muito difícil de ser investigado, pois, como já foi dito, não há uma conformidade entre os pesquisadores sobre o tema, e, além disso, sabemos e temos muito pouco conhecimento sobre os mecanismos psicológicos que envolvem o surgimento, a forma e quais efeitos têm essa crença em nossas vidas e que são resultados de fatores internos e externos em nossas atitudes, por que, segundo Pajares (1992), Richardson (1996), Rokeach (1968) e Barcelos

(2001), as crenças devem ser inferidas não somente através das afirmações verbais dos participantes, mas também através de suas intenções e ações.

### 3 Conceito de crenças

Segundo Miranda (2005) o termo crenças não é um assunto somente da LA, há muito tempo ela vem sendo estudada por diversas áreas, tais como: medicina, antropologia, ciências políticas, direito, sociologia e psicologia. E, para Barcelos (2004), a filosofia também tem se preocupado a respeito do conceito de crenças, por que, antes de mais nada, ela se preocupa em compreender o significado do que é verdadeiro ou falso, e por isso, há muito se houve tentativas de definir crenças.

Seguindo as pesquisas de Miranda (2005) crenças têm sido comparadas a vários nomes e termos, como podemos ver a seguir:

“atitudes, valores, julgamentos, opiniões, ideologia, percepções, concepções, sistemas conceituais, pré-concepções, disposições, teorias implícitas e explícitas, teorias pessoais, processos mentais internos, estratégias de ação, regras de prática, princípios práticos, perspectivas, repertórios de compreensão, estratégia social, etc”. (MIRANDA, 2005, p. 41)

Charles S. Pierce (BARCELOS, 2004) definiu crenças como “ideias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar”.

Já o conceito de crenças para John Dewey (1993) é:

Crenças cobrem todos os assuntos para os quais ainda não dispomos de conhecimento certo, dando-nos confiança suficiente para agirmos, bem como os assuntos que aceitamos como verdadeiros, como conhecimento, mas que podem ser questionados no futuro (DEWEY, 1933, p.129)

Embora, não exista em LA uma definição unânime para este conceito, existem vários termos e definições que podem ser considerados relevantes para o entendimento de como este conceito vem evoluindo com o passar do tempo, e sendo investigado por inúmeros pesquisadores/linguistas, fazendo assim, a sua difusão por diversas áreas.

Apresentamos agora, tais termos e diferentes definições que tiveram grande importância nos estudos de crenças sobre aprendizagem de línguas. Segundo Holec (1987) temos as “Representações dos aprendizes” que são suposições dos aprendizes sobre seus papéis e funções dos professores e dos materiais de

ensino; agora, segundo Wenden (1986) temos o próprio termo de “Crenças”, que são opiniões baseadas em experiências e opiniões de pessoas que respeitamos e que influenciam a maneira como os aprendizes agem; para Riley (1989) temos as “Representações”, que são ideias empíricas sobre a natureza, estrutura e uso da língua, sua relação entre linguagem e pensamento, linguagem e inteligência, etc; ainda segundo Riley (1997) temos “Cultura de aprendizagem”, que são um conjunto de representações, crenças e valores relacionados à aprendizagem e que influenciam diretamente o comportamento de aprendizagem do aluno.

Analisando todos estes termos e definições, é possível dizer que crenças estão relacionadas ao comportamento e atitudes de aprendizes de uma língua estrangeira, e tais atitudes levam, conseqüentemente, à formação de certas estratégias que cada indivíduo perpassa ao aprender uma segunda língua, e estas estratégias formadas a partir das experiências de cada um, estão intrinsecamente associadas às crenças que cada indivíduo possui, por que segundo Yang (1992) afirma que “as crenças dos aprendizes podem causar estratégias, mas o uso de estratégias pode

também causar crenças”. Já para Pajares (1992) a organização e definição das tarefas são influenciadas diretamente pelas crenças, ou seja, elas são um forte indicador de como as pessoas agem e como elas percebem e interpretam o processo de aquisição e aprendizagem.

Contudo, as crenças não são somente um conceito de cognição, mas também social, por que nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e de nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca, levando-nos a agir, pensar e a ter certas opiniões do que é certo ou errado, enfatizando assim, a correlação entre crenças e o nosso comportamento e atitudes. Por que segundo Rokeach (1968), Reynaldi (1998) e Pires (2007) dizem o seguinte: “as crenças não podem ser diretamente medidas ou observadas, mas, sim, inferidas através do dizer e/ou do fazer do indivíduo, ou seja, os processos mentais que ocorrem dentro do outro só podem ser descritos através de seu discurso ou de suas ações físicas observáveis”.

Isso, no entanto, demonstra claramente como as crenças estão diretamente relacionadas ao nosso comportamento, às nossas atitudes, e significativamente, ao nosso pensamento.

#### 4 Metodologia

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar e expor algumas crenças que alguns acadêmicos de Letras possuem sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa. Para realizar tal objetivo, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica e também qualitativa, utilizando para isso uma investigação sob a ótica do *Estudo de Caso* conforme Yin (1993 e 1994 ), Tellis (1997 ), Leffa (2007), Nunan (1992).

O *corpus* foi retirado de uma universidade particular localizada em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, a qual oferece o curso de Letras com Habilitação em Português e Inglês. Os acadêmicos participantes foram do 2º, 6º e 8º semestre do curso supracitado, os quais foram submetidos a um questionário.

A escolha dos semestres não foi aleatória, mas, foi feita em virtude do propósito da pesquisa, considerando a maturidade acadêmica dos participantes, com isso, procurou-se saber a opinião de quem estava iniciando sua jornada acadêmica, com os alunos do 2º semestre, daqueles que estavam consolidando sua opinião em relação ao o que é ensinar, com os alunos do 6º, e

por fim, daqueles que, praticamente, estavam formados, com uma opinião já pré-estabelecida e com uma concepção maior e mais abrangente do processo de ensino e aprendizagem, alunos do 8º semestre.

O propósito da utilização de questionário era de realizar o levantamento das crenças dos alunos a respeito do processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa. O questionário foi dividido em três partes. Na primeira, procurou-se, basicamente, obter informações a respeito da vida profissional de cada participante. Na segunda, as perguntas foram direcionadas às experiências que cada acadêmico teve com a língua inglesa antes de entrar na universidade. Na terceira parte, as perguntas foram direcionadas ao objetivo específico desta pesquisa, ou seja, detectar as possíveis crenças dos alunos em relação ao ensino de inglês.

A análise dos dados deste estudo adotou os procedimentos da pesquisa qualitativa. Primeiramente, foi realizada uma leitura geral dos dados, buscando separar o que era relevante para o resultado da pesquisa e o que não era. Em seguida, foi feita uma leitura mais detalhada, procurando encontrar respostas que possivelmente, darão

suporte ao resultado do objetivo proposto.

### 5 Análise de dados

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa realizada, respondendo ao objetivo desta. Deste modo, pretendemos destacar algumas das possíveis crenças relativas ao processo de ensino e aprendizagem de acordo com a concepção dos acadêmicos que foram objeto desta investigação.

Analisando os dados obtidos, um dos aspectos que mais chamou atenção, é de que as aulas deveriam ser conduzidas na língua materna, língua portuguesa. Embora fosse um curso de ensino superior, com objetivo de formar professores de línguas, os alunos têm a crença de que aprenderiam melhor a língua inglesa se o professor falasse somente em português na sala de aula.

Isto fica nítido na fala desses alunos participantes do 2º semestre, o primeiro diz: “o professor não deveria falar somente em inglês”; o segundo aluno compartilha da mesma opinião, “as explicações deveriam ser mais devagar e em português”. Interessante dizer que, alunos do 6º semestre, também, têm a mesma visão do que os alunos do 2º. Encontrou-se no *corpus* do 6º semestre falas que diziam o seguinte: “o melhor

meio para se aprender a língua inglesa é através do método *Tradicional*”. Outro aluno do mesmo semestre respondendo à mesma pergunta diz que “a gramática, juntamente com o contexto” é o melhor meio de aprender a língua inglesa.

No entanto, os alunos que estavam no 8º semestre, têm um ponto de vista diferente dos demais semestres. Encontrou-se resposta como esta: “as aulas deveriam ser somente em inglês”, outro aluno diz o seguinte: “as aulas deveriam ser mais de conversação”.

Na verdade, temos dois tipos de crenças aqui. A primeira é a crença de que as aulas devam ser conduzidas na língua materna e não na língua alvo, segundo os alunos do 2º e 6º semestre. A segunda, é a crença de que para aprender inglês, é necessário estar em contato com esta língua o máximo de tempo possível, seguindo a filosofia da Abordagem Comunicativa, segundo os alunos do 8º semestre.

Outro aspecto que também chamou a atenção foi a crença de que seja necessário conhecimento prévio para acompanhar o processo de ensino e aprendizagem oferecido pela universidade em questão. Neste caso, todos os semestres foram unânimes em afirmar que é necessário ter um

*background* em língua inglesa antes de iniciar o curso de graduação em Letras.

Isto é fato nas seguintes falas: “é preciso ter base para acompanhar”; outro aluno expõe o seguinte: “excelente pra quem sabe”; já outro aluno tem a seguinte opinião: “é fraco, não pelos professores e sim pelos alunos”. Evidentemente, que esta crença não é de todos os alunos e sim de alguns. Segundo o *corpus*, encontrou-se também, alunos que dizem que o curso é muito fraco, superficial e insuficiente para formar professores. Em vista disso, é interessante dizer que, os alunos que não possuem um conhecimento prévio em língua inglesa, têm a ideia de que o curso é excelente, porém, para quem já sabe; e os alunos que possuem uma bagagem sistemática de língua inglesa, acreditam que o curso é muito fraco e que as aulas deveriam ser somente em inglês.

Outra crença, que é comum em todos os semestres investigados, é que para aprender inglês é necessário assistir a filmes e ouvir músicas em inglês, ou seja, buscar outros meios para aprender e não depender somente do que é oferecido pela instituição.

Isso vai ao encontro da fundamentação de Yang (1992), Schmidt (2014 e 2016), Barcelos (2001) e Pajares (1992) que dizem que as crenças que possuímos nos

levam a utilizar certas estratégias de aprendizagem, e que a definição e organização de como aprendemos é reflexo de nossas crenças, podendo interferir em nossas ações e maneiras de pensar.

Em outras Literaturas, encontram-se crenças de aprendizes que acreditam que para aprender o inglês ideal, é somente morando no exterior, conforme Barcelos (2004). E, nesta investigação não foi diferente. Há fala de aluno, especificamente do 8º semestre, que diz que o melhor meio de aprender a língua inglesa é “fazendo um curso fora do país”.

Em sua pesquisa, Pires (2007) encontrou resultados parecidos com este, o qual seus alunos investigados diziam que para ter fluência e uma boa pronúncia em inglês, era necessário buscar experiências linguísticas com falantes nativos, ou seja, ir de encontro a estes falantes em seus países de origem.

Então, com base no exposto desta seção, a análise dos dados possibilitou identificar as seguintes crenças:

- a) crença que as aulas devem ser conduzidas somente em língua portuguesa;

## CRENÇAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM CONTEXTO ACADÊMICO

- b) crença que só se aprende inglês falando, ouvindo, escrevendo e lendo na língua alvo, ou seja, aprender segundo a Abordagem Comunicativa, conforme Almeida Filho (1993);
- c) crença de que para aprender inglês na universidade investigada, era necessário conhecimento prévio;
- d) crença de que para aprender uma língua estrangeira é necessário utilizar-se de estratégias pessoais;
- e) crença de que para aprender significativamente a língua inglesa, é necessário ir morar fora do país.

### Considerações finais

Neste trabalho, procuramos fazer uma reflexão acerca do papel das crenças na aquisição e aprendizagem de língua estrangeira em um contexto acadêmico de um curso de graduação em Letras de uma universidade particular de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e apresentar um breve apanhado histórico de como o conceito de crenças surgiu e de como ele vem sendo definido e

discutido desde a década de 80, ano em que começou a ser objeto de inúmeras investigações, conforme Barcelos (1995) e Barcelos (2004).

E, segundo a literatura atual, crenças sobre o processo de aquisição e aprendizagem de línguas está relacionada à compreensão das ações ou do comportamento dos aprendizes de línguas, e como algumas delas podem ou não contribuir para a ansiedade de muitos alunos ao aprender uma língua estrangeira (BARCELOS, 2007).

Além disso, o termo crenças não é uma unanimidade entre os pesquisadores, diversos termos são encontrados. Apesar de ainda não haver uma definição uniforme a respeito de crenças, grosso modo, podemos defini-las como opiniões e ideias que alunos e professores têm a respeito do processo de aquisição de línguas. Segundo Barcelos (2001), as crenças podem ser pessoais, contextuais, episódicas e têm origem nas nossas experiências, em nossa cultura e no folclore e tem como característica principal, a influência em nosso comportamento.

Com isso, através da triangulação dos dados e analisando as informações coletadas por meio de questionário respondido pelos acadêmicos do 2º, 6º e

8º semestre do curso de Letras, chegou-se à seguinte conclusão de que nossas ações, nossa maneira de pensar e organizar nossas ideias, estão intrinsecamente ligados às crenças que ao longo de nossas experiências de vida viemos acumulando.

Então, para trabalharmos e desenvolvermos nossas tarefas, efetivamente com as crenças, é necessário que haja uma transformação e/ou mudança em nossas concepções de ver o mundo e as pessoas. É necessário que haja reflexão, questionamentos, e que passamos a repensar nos resultados de nossas ações, por que, quem sabe, elas possam colaborar para possíveis transformações de ações, de crenças e de ideais das pessoas.

Por que refletir, requer um atividade imprescindível à formação de qualquer profissional, especialmente, a do profissional em educação, especificamente ao ensino de língua estrangeira (inglês), por que segundo Blatytá (1995) “refletir implica numa visão crítica que se constrói a partir do desequilíbrio provocado pelo confronto com outras alternativas, pela análise das contradições e pelo conflito provocado por visões diferentes”. E, portanto, a reflexão é o ponto inicial para a execução de práticas mais conscientes e eficazes

dentro do processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa.

Sendo assim, que o resultado deste trabalho possa ser útil às seguintes pessoas e instituições:

- a) primeiramente, ao autor deste trabalho, como professor de língua inglesa, possa fazer uma reflexão de seu trabalho e das possíveis crenças que permeiam suas atitudes;
- b) em segundo lugar, aos demais professores de inglês, que de alguma forma, poderão também, utilizar este estudo para refletir melhor sobre suas próprias crenças e atitudes em relação aos alunos, à instituição em que atuam e ao processo de ensino e aprendizagem dessa língua (inglês);
- c) às instituições de ensino superior que ofereçam o curso de graduação em Letras;
- d) e por fim, aos futuros professores de inglês, que poderão, através dos resultados deste estudo, se preparar melhor para o mercado de trabalho que irão enfrentar, planejando, com antecedência, estratégias para favorecer uma

**CRENÇAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA  
ESTRANGEIRA EM UM CONTEXTO ACADÊMICO**

melhoria no ensino e,  
consequentemente, da  
aprendizagem da língua  
estrangeira de seus futuros  
alunos.

Em suma, esperamos que o resultado  
obtido neste estudo possa de alguma  
forma, contribuir para a continuidade de  
futuros trabalhos acerca das crenças  
sobre o processo de aquisição e  
aprendizagem de uma língua estrangeira  
em nosso país

## Referências

- ABRAHAM, R. G.; VANN, R. J. **Strategies of two language learners: A case study.** In: WENDEN, A.; RUBIN, J. (Ed.). *Learner strategies in language learning.* Londres: Prentice Hall, 1987. p. 85-102.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** Campinas, SP: Pontes, 1993.
- BARCELOS, A. M. F. **A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- BARCELOS, A. M. F. **Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas.** In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA – ABRAHÃO, M. H. (Org.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores.* Campinas: Pontes, 2006.
- BARCELOS, A. M. F. **Crenças sobre aprendizagem de línguas.** *Linguística Aplicada e ensino de línguas. Linguagem & Ensino, Pelotas*, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.
- BARCELOS, A. M. F. **Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estudo da arte.** *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.
- BERNAT, E.; GVOZDENKO, I. **Beliefs about Language Learning: Current Knowledge, Pedagogical Implications, and New Research Directions.** Department of Linguistics. Macquarie University and The University of Melbourne. Sidney. Australia, 2008.
- BLATYTA, D. F. **Estudo da Relação Dialógica entre a Conscientização Teórica e Habitus Didático de uma Professora num Percorso de Mudança de sua Abordagem de Ensinar.** Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- BORGES, T. D. **Crenças de duas professoras de inglês em pré-serviço a respeito de falantes de língua inglesa e de suas respectivas culturas.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CARVALHO, V.C.P.S. **A aprendizagem de língua estrangeira sob a ótica de alunos de letras: Crenças e mitos.** Dissertação de Mestrado, UFMG, 2000.
- DEWEY, J. **How we think.** Lexington, MA: D. C. Heath, 1933.

- HOLEC, H. **The learner as manager: managing learning or managing to learn?** In A. Wenden & J. Rubin (orgs.), *Learner strategies in language learning* London: Prentice Hall, p. 145-156, 1987.
- HOSENFELD, C. **Students mini theories of second language learning.** *Association Bulletin*, v. 29, n. 2, 1978.
- LARSEN-FREEMAN, D. **Expanding the roles of learners and teachers in learner-centered instruction.** In W. A. Renandya & G. M. Jacobs (orgs.), *Learners and language learning* Singapore: Seameo Regional Language Centre, p. 207-226, 1998.
- LEFFA, V. J. **A aprendizagem de línguas mediada por computador.** In: Vilson J. Leffa. (Org.). *Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006, p.11-36.
- LEFFA, V. J. **A look at students' concept of language learning.** *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 17, p. 57-65, 1991.
- LEFFA, Vilson J. (ORG). **Produção de materiais de ensino: teoria e prática.** Pelotas: EDUCAT, 2007.
- MIRANDA, M. M. F. **Crenças sobre o ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (inglês) no discurso de professores e alunos de escolas públicas.** 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.
- NUNAN, D. **Seven hypotheses about language teaching and learning.** *TESOL Matters*, v.10, n.2, 2000.
- PAJARES, F. M. **Teachers' beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct.** *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.
- PEIRCE, C. S. **The fixation of belief.** In P. P. Weiner. (org.) *Charles S. Peirce: Selected writings*. New York: Dover, p. 91-112, 1877/1958.
- PIRES, A.P. **Crenças de graduandos de inglês sobre o ensino e a aprendizagem de pronúncia: atitudes, valores e mitos.** Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2007.
- PIRES, ANA PAULA da S. **Crenças de graduandos de inglês sobre o ensino e a aprendizagem de pronúncia: atitudes, valores e mitos.** Dissertação (Mestrado Interdisciplinar de Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

- REYNALDI, M. A. **A cultura de ensinar língua materna e língua estrangeira em um contexto brasileiro**. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1998.
- RICHARDSON, V. **The role of attitudes and beliefs in learning to teach**. In: SIKULA, J. (Ed.). *Handbook of Research on Teacher Education* (2.ed.). New York: Macmillan, 1996. p.102-119.
- RILEY, P. **Learners' representations of language and language learning**. *Mélanges Pédagogiques C.R.A.P.E.L*, v. 2, p. 65-72, 1989.
- RILEY, P. **The guru and the conjurer: aspects of counselling for self-access**. In P. BENSON, & P. VOLLER (orgs.), *Autonomy and independence in language learning*. New York: Longman, p. 114-131, 1997.
- ROKEACH, M. **Beliefs, attitudes, and values: A theory of organization and change**. San Francisco: Jossey-Bass, 1968.
- SCHMIDT, Cristiane. Identidade do professor e do aprendiz de língua alemã: um levantamento eletrônico de alguns estudos brasileiros. *Revista Expectativa*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 139-157, mar. 2014. ISSN 1982-3029. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/8936/7081>>. Acesso em: 06 dez. 2018.
- SCHMIDT, Cristiane. *Untersuchung des deutschsprachigen Lehrwerkes: soziokommunikativer und interkultureller Ansatz*. 2016. 235 f. Tese (Doutorado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Cascavel, 2016.
- TELLIS, W. **Introduction to case study**. *The Qualitative Report* [On-line serial], 3(2), 1997. Available: <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR3-2/tellis1.html>
- WENDEN, A. **What do second-language learners know about their language learning?** A second look at retrospective accounts. *Applied Linguistics*, vol. 7, n.2, p. 86-205, 1986.
- YANG, N.D. **Second language learners' beliefs about language learning and their use of learning strategies: A study of college students of English in Taiwan**. 1992. Tese (Doutorado) - The University of Texas, Austin.
- YIN, R. **Applications of case study research**. Newbury Park, CA: Sage Publishing, 1993.
- YIN, R. **Case study research: Design and methods** (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publishing, 1994